

FAZENDO ESCOLAS COM IMAGENS

Eliana Aparecida de Jesus Reis
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni

Escolas fazendo imagens em ressonâncias de afetos



São ressonantes em nosso corpo-pensamento imagens-vibrações reverberadas pelo agenciamento da alegria no encontro com crianças e professoras do ensino fundamental. Assim sendo, desejamos tecer nesta escrita alguns fios enunciativos engendrados por afetos e afecções vividos nesse contexto pandêmico de ensino remoto, considerando apostas e experimentações no cotidiano escolar durante movimentos de pesquisa realizados na rede municipal de ensino de Serra-ES.

Em linhas ressonantes de afetos somos impulsionadas pelo desejo coletivo de criar poros de respiração vital a fim de aliviar a sensação de nó na garganta e falta de ar produzido no campo da educação por aquilo que Rolnik (2018) denomina como inconsciente colonial-capitalístico. A sensação de mal estar

outrora impulsionada por uma crise econômica e política, na contemporaneidade, os riscos e ameaças à educação pública são por hora acentuada por outra crise, agora na saúde pública, de uma pandemia mundial viral e contagiosa de interfaces dantescas.

Assumindo dimensões de natureza, ao mesmo tempo macro e micropolíticas, a suspensão das aulas presenciais como medida preventiva contra o contágio do novo coronavírus faz avançar sobre nós a impetuosa fumaça tóxica produzida pelo inconsciente colonial-capitalístico, colocando em risco conquistas democraticamente adquiridas nas últimas décadas, como o direito à educação, o direito à vida. A imagem de escola-mercado imposta pelos discursos-formas neoliberais são disparadas de modo veloz pelas telas ferozes de computadores e *smartphones*. Equipamentos de última geração, que nesse contexto de ensino não presencial, busca reduzir a todo custo – e bem alto custo – escola e processos de *aprenderensinar* à mera reconhecimento, representação, repetição homogênea, que trata crianças e professores/as como depósito de informações produzidos em larga escola com overdoses diárias de vídeoaulas que reforçam dita-dura-mente as práticas do velho “be-a-bá” agora revestidos por caracteres sofisticados do capitalismo financeirizado e neoliberal para modelar os modos de aprender e de ensinar.

O professor, tal como o estudante, é considerado aquele que carrega sobre si a “falta”. Esta precisa ser preenchida pela construção de competências e habilidades. A lógica do professor “capaz” ou “incapaz” é medida pela régua-moral que transfere aos professores o título de heróis ou vilões quando a escola presencial vira da noite para o dia a escola remota de telas frias, câmeras fechadas, silêncios que gritam e ausências produzidas pelo pacote de dados insuficientes para tantas horas de super-aulas correndo contra o “tempo perdido”.

Desse modo, a escola está vulnerável ao vírus “capitalístico” problematizado por Rolnik (2018) que chega veloz pela fibra ótica e invade nossas telas frias digitais alimentando o ar tóxico das grandes corporações

midiáticas e tecnológicas, bem como seus interesses neoliberais que concebem a escola como mercado lucrativo, sobretudo neste contexto de avanço pretensioso do ensino à distância. Assim sendo, nesse contexto pandêmico é colocado em evidência, no balcão de negociações de altas cifras, o ensino remoto tanto para o setor público quanto para o setor privado como única medida salvacionista para que as crianças não “percam o ano letivo”.

Para Foucault (2017, p.225), são três os elementos fundamentais de toda experiência: “[...] um jogo de verdade, das relações de poder, das formas de relação consigo mesmo e com os outros”. Desse modo, pensamos com Carvalho, Silva e Delboni (2018) currículos como corpos coletivos enredados por forças de saber-poder-subjetividades. Assim, as forças que podemos sentir-viver nos planos intensivos de afetos, nas composições curriculares enredadas no cotidiano da escola não cabem em uma única tela fria digital, em uma única lógica de viver-pensar a educação, o conhecimento, o currículo, a docência.

Nesse sentido, desejamos manejar outros possíveis na constituição de micropolíticas ativas, conspirando com o pensamento de Carvalho (2009) ao apostar no cotidiano escolar como comunidade de afetos por uma escola-vida



“não cafetinada”. Apostamos na força vital dos bons encontros que são enredados por outra natureza de contágios, em ressonâncias coletivas de

afetos por um mundo por vir (que não está à venda). Pois uma vida, por ser vida, é potência criativa que se constitui em processos objetivos e subjetivos, inventando rasuras, rabiscos, frestas, enfim, outros modos de existir.

REFERÊNCIAS:

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii, 2009.

CARVALHO, Janete M.; SILVA, Sandra K. da; DELBONI, Tânia M. Z. G. F. Currículos como corpos coletivos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 801-818, set./dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. Manoel Barros da Motta. (Org.). Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

Sobre as autoras:

Eliana Aparecida de Jesus Reis: mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é gerente do Ensino Fundamental, da Secretaria Municipal de Educação, de Serra/ES e pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Com-Versações com a Filosofia da Diferença em currículos e formação de professores" (PPGE/UFES).

Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni: doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Com-Versações com a Filosofia da Diferença em currículos e formação de professores" (PPGE/UFES).